

A arte na vida de Ariel Moshe

“Todos os grandes artistas (...) ajudaram-me com a sua vida de artista e pessoal a criar o ideal de ator que me propus em minha arte, exerceram importante influência sobre mim e contribuíram para a minha formação artística e ética.”¹

Stanislávski

1. In *Minha vida na arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p. 57. A autobiografia de Constantin Stanislávski foi tomada como inspiração para a realização dos encontros de mesmo nome promovidos pelo Teatro Escola Macunaíma, bem como agora para a criação desta seção do Caderno de Registro Macu.

O primeiro encontro do “Minha vida na arte” foi realizado pelo Teatro Escola Macunaíma em maio de 2009 e contou com a participação dos professores Ariel Moshe, Luiz Baccelli e Wanderley Martins e a mediação do professor Paco Abreu. Publicamos, na edição passada do Caderno de Registro Macu, a transcrição da fala do professor Bacelli, como forma de homenageá-lo.

Para dar continuidade a partilha de experiências artísticas e de formação entre docentes e discentes, registramos agora a participação de Ariel Moshe neste encontro, retomando as perguntas feitas aos três convidados. Um grande mestre e professor de muitos de nossos professores hoje, esta é uma forma de celebrar os ensinamentos de seus 19 anos no Teatro Escola Macunaíma.

Paco Abreu – Nós estamos começando o “Minha Vida na Arte” como parte das comemorações dos 35 anos do Teatro Escola Macunaíma. E hoje nós temos aqui três professores: Ariel Moshe, Luiz Baccelli e Wanderley Martins. Ariel Moshe é ator, diretor e professor de teatro, com 35 anos de carreira, inúmeros trabalhos em teatro, cinema e televisão. Ele ganhou vários prêmios em sua trajetória e acumula mais de 90 peças de teatro, como ator, diretor e produtor destacado em vários trabalhos. Na TV, além de mais de 200 comerciais, seriados e novelas, participou também do programa *Rá-tim-bum* na TV Cultura. (*Aplausos.*) Eu vou começar pedindo a você, Ariel, que nos conte como era o Macu quando você começou a dar aulas aqui.

Ariel Moshe – Eu comecei a dar aula do Macunaíma em 1994. Mas eu conheço o Macunaí-

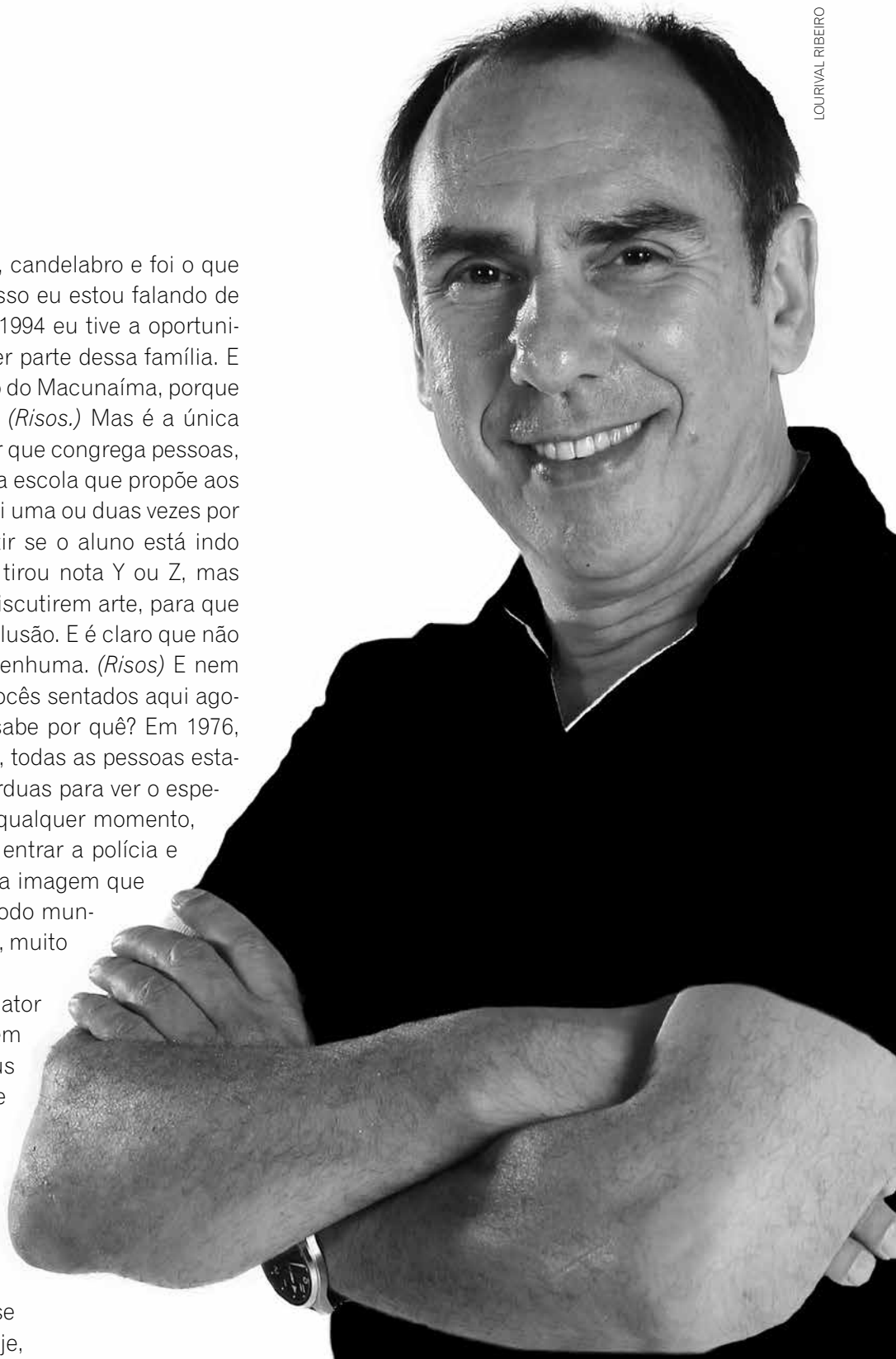
ma desde 1974 e, talvez até antes porque eu era próximo das pessoas que conversavam sobre a abertura de uma escola de teatro que fizesse jus a qualidade da Escola de Arte Dramática da USP e que, naquela época, passava por uma crise. A EAD hoje é extremamente respeitada, como sempre foi. Mas no período da repressão política ela teve uma baixa e a proposta do Sylvio Zilber e da Myrian Muniz² e de outros também era abrir uma escola que tomasse as rédeas da arte, discutindo, fazendo teatro com a melhor qualidade. E eu tive a felicidade de participar disso, no sentido de estar presente nessas discussões, de ver os primeiros acontecimentos. Teve uma peça no Macunaíma que marcou minha vida como uma obra de arte bem realizada e, que foi proibida pela censura, absolutamente e determinantemente proibida pela censura. Fazia parte desse elenco gente da melhor qualidade, me lembro que tinha o Rodrigo Santiago³ e mais cinco ou seis atores. Mas ele vocês talvez não conheçam, porque já cantara para subir. (*Risos.*) Resolveu-se que a peça iria ser feita dentro da escola, ainda que o governo e a polícia a proibissem, dentro da escola eles iríamos fazê-la em segredo. Eles iriam convidar o público, os amigos, e realizar essa obra. A peça era toda feita na

2. O Teatro Escola Macunaíma, inicialmente conhecido como Centro de Estudos Macunaíma, foi fundado em 1974 por Myriam Muniz, Sylvio Zilber e o cenógrafo e figurinista Flávio Império, artistas consagrados, cujos nomes se misturam à história do teatro brasileiro.

3. Rodrigo Artur Santiago (Formiga, 1943 — São Paulo, 1999) já tinha uma carreira sólida em teatro quando estreou, no ano de 1968, em *Beto Rockfeller*, novela da extinta TV Tupi. Ao lado de Marília Pêra, atuou em *Roda Viva*, peça de Chico Buarque, com direção de Zé Celso Martinez Corrêa e foi professor da Escola de Arte Dramática da USP.

escada, com luz de velas, candelabro e foi o que mais me impressionou. Isso eu estou falando de 1975/76, mas depois em 1994 eu tive a oportunidade de vir para cá e fazer parte dessa família. E não estou puxando o saco do Macunaíma, porque eu também faço críticas. *(Risos.)* Mas é a única escola de teatro particular que congrega pessoas, que discute arte; é a única escola que propõe aos professores virem até aqui uma ou duas vezes por semana, não para discutir se o aluno está indo bem ou mal, se o aluno tirou nota Y ou Z, mas propõe aos professores discutirem arte, para que se chegue a alguma conclusão. E é claro que não chegamos à conclusão nenhuma. *(Risos)* E nem precisamos chegar. Ver vocês sentados aqui agora me emociona muito, sabe por quê? Em 1976, quando eu vi aquela obra, todas as pessoas estavam sentadas no chão, árduas para ver o espetáculo e, sabendo que a qualquer momento, por aquela porta poderia entrar a polícia e prender todo mundo. Essa imagem que eu estou tendo aqui, de todo mundo reunido é muito, muito, muito gratificante!

Abreu – Você é um ator respeitado pela crítica, tem o reconhecimento de seus parceiros e colegas de trabalho, está continuamente envolvido em processos de criação, projetos de montagem e participando da trajetória de vários grupos. Eu queria que você partilhasse como você se percebe hoje,

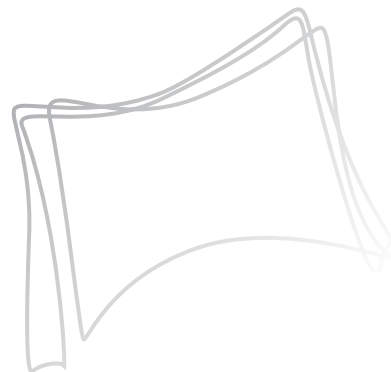


NÓS FAZEMOS TELEVISÃO NATURALISTA E REALISTA E EU ACHO QUE ESTÁ NA HORA DO TEATRO EXERCER SUA FUNÇÃO E SAIR DESSA QUESTÃO DO REALISMO, A QUE MUITOS AINDA ESTÃO PRESOS.

buscando a sua imagem como jovem ator. O que você conquistou? A experiência como ator te traz quais percepções?

Moshe – Eu às vezes me sinto um pouco jurássico. Eu trabalho com teatro desde 1974. E tive a sorte de meus avós gostarem de teatro, eles iam e me levavam junto. Eu era moleque, com 10 ou 11 anos assisti a bons espetáculos. E depois eu comecei a fazer teatro, mas não com um grupo. Eu só fui fazer teatro de grupo depois. Eu comecei a fazer teatro em companhias de grandes nomes, Fernanda Montenegro, Maria Dela Costa, coisa que não existe mais hoje. Esses grandes atores, esses ícones não existem mais. E hoje em dia o teatro tem outra linguagem, outra concepção, totalmente diferente. E eu tive a felicidade ou a trajetória de conhecer esses dois lados. Hoje eu estou fazendo teatro sem aqueles grandes ícones, mas também participei desse outro teatro, onde aprendi com pessoas que eram verdadeiros ídolos e hoje estão nos livros. Eu vou falar um nome que vocês não conhecem, Madalena Nicol⁴, que foi uma grande atriz e que a Cacilda Becker concorria com ela. As duas não se davam e a dona Madalena Nicol foi embora do Brasil irritada com a dona Cacilda Becker, que se dizia dama do teatro brasileiro. A Madalena era uma grande atriz do teatro shakespeariano e eu tive o prazer de trabalhar com essa mulher, que era louca! (*Risos*) Então, eu aprendi a fazer teatro com essa gente. Eu estreei com o Raul Cortez e recebi uma bronca.

4. Madalena Nicol (São Paulo, 1921 - São Paulo, 1978) foi um dos grandes nomes do teatro brasileiro nas décadas de 1940 e 1950. Foi também uma das primeiras atrizes a estrear teleteatros na TV Tupi.



CAMILA REIS

O QUE É QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O PÚBLICO DE TEATRO? SERÁ QUE TODO MUNDO SÓ QUER FAZER TEATRO?

Durante uma cena, tinha que correr pela coxia e eu trombei com uma das atrizes e derrubei tudo. E o Raul Cortez chegou para mim e falou: “Oh moleque, você não sabe que não se corre na coxia? Você pode derrubar o cenário.” E eu aprendi a não correr na coxia. (*Risos*) Mas na época, existia um preconceito muito grande entre ator de teatro e ator de televisão. Ator de televisão era qualquer coisa, não era ator, era alguém que decorava o texto, ia lá e falava. Eu acho que a televisão é o exercício do natural, do real. O que nós não podemos esquecer é que o teatro é a única forma que nos permite viajar, que nos permite ir além. Nós fazemos televisão naturalista e realista e eu acho que está na hora do teatro exercer sua função e sair dessa questão do realismo, a que muitos ainda estão presos. Desculpe, mas eu tenho que complementar com isso, falando de teatro realmente profissional. Porque vocês sabem que hoje em dia estão na moda os musicais e eu tive contato com os diretores desse musical *A Bela e a Fera*. E os americanos, esses diretores, chegaram para mim e falaram assim: “Sabe uma coisa que me fascina? É o jeito como vocês brasileiros fazem teatro, nós não acreditamos como vocês conseguem? Porque está super produção que está em cartaz é idêntica a que está em Nova York.”

(O professor Wanderley Martins lembra aos professores Baccelli e Ariel, que eles tiveram a honra de ter aulas com Eugênio Kusnet. E que, antes mesmo dele publicar seu livro Ator e método⁵, eles

ganharam um exemplar cada um.)

Moshe – Ouvindo o Wanderley falar, eu estava pensando e acho muito importante a metodologia adotada pela escola. O Eugênio Kusnet foi quem trouxe para o Brasil todos esses ensinamentos sobre Stanislávski. E foi muito importante, para mim, ter aprendido isso com ele. Depois aqui, com vocês, eu também aprendi muito. O mais incrível é que, a partir do momento que aprendemos e, depois seguimos atuando, desaprendemos um pouco e, vamos readquirindo isso com vocês, no Macu, e isso é importantíssimo.

Abreu – Eu queria pegar esse gancho e pedir para você falar sobre qual o papel que nos cabe como professores na formação dos nossos alunos e o que é fundamental para um ator que está em formação, buscando aperfeiçoamento pessoal e artístico. O que é fundamental para você como formador de atores?

Moshe – Quando chegaram para mim, há uns dois meses, e falaram: “Ariel, a escola quer te convidar para participar do encontro do “Minha Vida na Arte. Você, Wandeco e Baccelli.”, eu fiquei pensando: “Por que me escolheram?” Eu acho que as pessoas querem ver moças loiras, altas, de olhos azuis, e hoje eu sei que estou aqui não porque eu sou loiro, alto e de olhos azuis ou trabalho na novela das oito da Rege Globo, porque eu não trabalho. Eu estou aqui porque eu, Ariel, tenho 35 anos de carreira, porque eu trabalhei de terça a domingo, trabalhei terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo e, na segunda-feira, lia texto para próxima montagem. Eu apresentava às quintas-feiras à tarde, na

5. KUSNET, Eugênio. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1975.

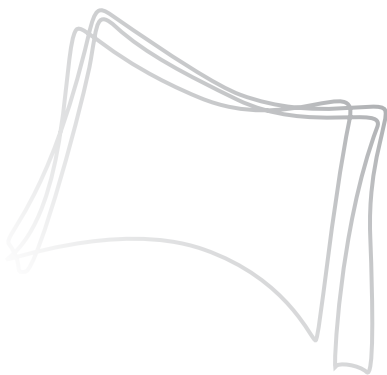
**UMA DAS COISAS QUE EU MAIS APRENDI
NESSES ÚLTIMOS ANOS FOI QUE O TEATRO NÃO
É SÓ UMA ARTE, ELE TAMBÉM PODE SER UM
PROCESSO TERAPÊUTICO**

matinê, porque as senhoras, que iam tomar chá, assistiam à peça de teatro essa hora. Na plateia só tinha senhorinha, e todos os teatros tinham peças à tarde sim! E eu me pergunto hoje sobre a forma como meus ex-alunos estão trabalhando ou como os meus colegas estão trabalhando, com eu mesmo estou trabalhando. Eu me apresento às sextas e aos sábados à meia-noite e quando eu chego ao teatro, eu espero que tenha público. Mas onde as pessoas estão à meia-noite de sexta-feira? Estão lá bebendo uma cerveja... mas e o meu espetáculo? É duro, não é? É duro querer ganhar dinheiro só fazendo espetáculo às sextas e aos sábados à meia-noite. Talvez se eu fizesse às terças, quartas e quintas, eu estaria ganhando dinheiro. Mas eu levanto outra questão em relação a isso: hoje em dia tem público para assistir a espetáculos às terças, quartas e quintas? Eu tenho dois amigos famosos, globais que estão em cartaz em teatros enormes, com ingressos caríssimos e o teatro lota. Eu acho que temos que discutir isso! Não hoje, mas eu quero levantar essa questão para vocês. Eu acho que nós, do teatro, temos que discutir isso. O que é que está acontecendo com nosso público? O que é que está acontecendo com o público de teatro? Será que todo mundo só quer *fazer* teatro? Eu quero ter o exercício de ver, de olhar, de escutar, de sentir, de assistir a teatro... É só uma questão que eu levanto...

Abreu – Para fechar as perguntas, eu vou fazer uma última, sobre ser artista. Você, se pudesse voltar no tempo, faria outra opção. O que o teatro te trouxe?

Moshe – Naquela época, eu optei por fazer teatro, mas não existia uma faculdade de teatro, nem mesmo a EAD existia ainda. E eu fui fazer





SANDRA PERA

arquitetura, que é maravilhoso. Mas eu não sou arquiteto, eu não construí nada no sentido físico. *(Risos.)* Mas o teatro é uma arquitetura e eu nunca trabalhei com outra coisa na minha vida. Eu trabalhei, eu acho que três meses, como *office boy* em uma agência de turismo e mandei eles para aquele lugar. *(Risos.)* Desde os meus 15 anos, eu trabalho com teatro, primeiro como assistente, depois como ator, produzindo, aprendendo. Eu não sei ser diferente disso. No meu caso, eu tive esse privilégio. Eu não sei como seria se fosse de outro jeito, eu acho que não saberia raciocinar, não saberia pensar. Porque o teatro me deu tudo isso, me deu o dom da palavra, me deu o dom de olhar, me deu o dom de ver coisas. E uma das coisas que eu mais aprendi nesses últimos anos foi que o teatro não é só uma arte, ele também pode ser um processo terapêutico. E para muitas pessoas que estão aqui, que frequentam nossas salas de aula, que vêm ao Macu, assim como a outras escolas, vêm buscar o teatro não como uma profissão, que para mim é tão importante e sempre será, mas elas vêm em busca de um processo terapêutico. E nós temos que respeitar isso. Eu não sabia respeitar, mas hoje eu percebi que é fascinante o teatro como profissão e também como terapia. Hoje eu entendo que muitas pessoas vêm em busca de se encontrar, em busca de amigos e em busca daquilo que eu aprendi: a falar, a ver, a pensar, a raciocinar, vêm em busca do que, se não fosse o teatro, eu também não saberia fazer. *(Aplausos)*

Transcrição e pré-edição de Patricia Giusti. Edição final de Roberta Carbone. ■